

**A criança como ator principal: considerações, desafios e possibilidades em pesquisas sobre digital influencers mirins**

*The child as the main actor: considerations, challenges and possibilities in research on kids digital influencers*

Gabriela Pacheco de Freitas BARETA<sup>1</sup>

**Resumo**

Esse artigo tem como objetivo tecer considerações e reflexões acerca das questões metodológica para o trabalho investigativo com crianças, a partir de levantamento teórico disponível na literatura atual a respeito do desenvolvimento cognitivo da criança. Para isso, apresenta-se a pesquisa qualitativa dentre a qual optou-se por dialogar sobre a etnografia e para o desenvolvimento desta tarefa é considerado a combinação das técnicas de Observação Participante e Entrevista, com a diversificação de instrumentos que possam auxiliar a elucidar hipóteses, questões ou a problemática de pesquisa referente às crianças.

**Palavras-chave:** Criança. Pesquisa Qualitativa. Pesquisa. Coleta de Dados.

**Abstract**

This article aims to make considerations and reflections on the methodological issues of investigative work with children, based on a theoretical survey available in the current literature regarding the child's cognitive development. For this, qualitative research is presented, among which it was decided to talk about ethnography and for the development of this task, the combination of Participant Observation and Interview techniques is considered with the diversification of instruments that can help elucidate hypotheses, issues or research problems related to children.

**Keywords:** Child. Qualitative research. Research. Data Collect.

**Introdução**

Durante o início das pesquisas sobre infância, as crianças não foram estudadas por mérito próprio. A racionalidade adultocêntrica era a que teria que prevalecer e dessa forma, acabou por encerrar a possibilidade de escutar as vozes infantis. Portanto, o que

---

<sup>1</sup> Mestranda de Pós-Graduação em Comunicação PPGCOM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Bolsista CAPES - Código de Financiamento 001. E-mail: gabrielabareta@hotmail.com

seria indicado pelas crianças não teria cientificidade e por consequência, culminou no aumento da disparidade de poder entre adultos e crianças nas pesquisas promovidas com a infância (QVORTRUP, 1999).

Na atualidade, os pesquisadores estão reconhecendo a importância de considerar a criança como um sujeito de suas investigações. De acordo com Vasques, Bousso e Mendes (2011), as crianças são as melhores fontes de informação acerca de suas experiências e opiniões, porém o modo como elas se comunicam e expressam seus sentimentos é potencialmente influenciado pelos contextos sociais, físicos, econômicos e políticos. Ao considerar o caráter único da experiência da criança, a pesquisa qualitativa é uma das possibilidades para ser empregada como um auxílio, visando garantir toda a riqueza e complexidade da experiência. Diante uma abordagem qualitativa, é possível investigar os eventos ocorridos pela experiência e vivência das crianças e o significado que elas atribuem às experiências vividas.

Neste sentido, Goldenberg (2007) destaca que o interacionismo simbólico desenvolve métodos de pesquisa que priorizam os pontos de vista dos indivíduos, uma vez que compreende a importância do indivíduo como intérprete do mundo que o cerca. Na mesma linha de pensamento, Martins e Barbosa (2010), afirmam que as crianças são boas comunicadoras, pois elas vão contar suas histórias para aqueles que estejam dispostos a ouvi-las. Muitas vezes, seus sentimentos e pensamentos são manifestados através da forma não verbal, incluindo outros modos de expressão como, por exemplo, gestos, fala, desenho, choro, música e escrita. Porém, estes sentimentos e pensamentos não bastam ser expressos por elas, eles também devem ser notados e valorizados no âmbito investigativo, através do pesquisador que abordará essa criança. Por isso, é necessário deter habilidades e conhecimentos adicionais ao realizar pesquisa na forma de entrevista quando o sujeito é uma criança. Desta forma, Goldenberg (2007) conclui que o grande propósito destes métodos é compreender as significações que os próprios indivíduos colocam em prática para construir seu mundo social, de forma que a realidade social só aparecerá sob a forma de como os indivíduos veem o mundo. E para isso “o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através ‘dos olhos dos pesquisados’” (GOLDENBERG, 2007, p. 27).

É dever do profissional estabelecer uma relação afetiva de auxílio à criança investigada. Para tanto, é necessário o conhecimento sobre a perspectiva dela ao se

tratar da visão do seu próprio mundo. A criança pode ser capaz de comunicar suas ideias, valores e sentimentos, porém muitas delas têm dificuldade de se expressar e, portanto, exigem que o pesquisador adentre em seu mundo através de recursos criativos, lúdicos e familiares ao universo infantil, durante a coleta de dados (EPSTEIN et al., 2008).

Entretanto, para que seja possível conduzir uma pesquisa com crianças, há alguns cuidados que devem ser tomados. Avaliar o nível de desenvolvimento da criança é um dos fatores fundamentais para que seja possível enquadrar o tipo de pesquisa a ser realizado e as ferramentas a serem utilizadas. Isto é, formas adequadas de técnicas e ferramentas devem ser aplicadas conforme a sua idade. Além disso, por se tratar de um indivíduo vulnerável, a pesquisa que envolve crianças é uma área que deve se comprometer com as questões éticas e metodológicas.

Sendo assim, este capítulo metodológico tem o objetivo de discorrer sobre os aspectos fundamentais das questões metodológicas em pesquisas qualitativas como estratégia de coleta de dados com crianças que será realizada na pesquisa de mestrado. A escolha da técnica e dos instrumentos a serem utilizados, devem levar em consideração o desenvolvimento cognitivo delas, além de estratégias de aproximação adequadas antes e durante a coleta de dados. A utilidade dos instrumentos também irá variar de acordo com o tipo de pergunta que se pretende responder, com os sujeitos a serem pesquisados e com registro e análise aplicados à coleta e interpretação dos dados. A intenção, portanto, é trazer para o debate a produção das pesquisas com crianças, na tentativa de ser evidenciada as limitações do campo, ratificar as possibilidades que as pesquisas com crianças têm a oferecer para os estudos da infância no campo da comunicação e para as metodologias qualitativas. Assim, a questão norteadora foi: de que forma a utilização de metodologias, técnicas e ferramentas lúdicas, possibilitarão ao investigador conhecer o mundo de significados construídos pelas crianças?

### **Estrutura metodológica**

No presente trabalho, foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica proposta por Gil (1999), a fim de elucidar o conceito de pesquisa qualitativa, métodos e técnicas de pesquisas. A pesquisa bibliográfica, é desenvolvida a partir de material já elaborado, refere-se basicamente a livros e artigos científicos. Segundo Gil (1999), a

pesquisa exploratória, é uma classificação da pesquisa segundo os objetivos mais gerais, já a pesquisa bibliográfica é de acordo ao método empregado. Portanto, grande parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo. A principal vantagem é o fato de que permite ao investigador a descoberta de inúmeros fenômenos do que àquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 1999).

### **Fases do crescimento: o desenvolvimento cognitivo da criança**

Para realizar uma pesquisa com crianças<sup>2</sup>, é necessário reconhecer que elas são as melhores fontes de informação sobre elas próprias. Entretanto, para isso, é preciso compreender em qual fase de desenvolvimento cognitivo elas se encontram e, com isso, escolher métodos, técnicas, ferramentas e formular estratégias de combinações e triangulações apropriadas para cada uma.

De acordo com Piaget (1973), o conhecimento do mundo de uma criança muda com a idade; visto isso, ele propôs três estratégias de raciocínio, isto é, o intuitivo, operacional concreto e o operacional formal. Cada estágio é construído conforme as realizações do estágio anterior e dele derivado em um processo contínuo e ordenado. Portanto, a evolução desse desenvolvimento intelectual divide-se em quatro estágios: o sensor motor, o qual compreende crianças de até dois anos de idade; o pré-operacional, que inclui crianças de dois a sete anos de idade; o estágio de operações concretas, que abrange a faixa etária de sete a 11 anos; e o estágio de operações formais, de 11 a 18 anos de idade. Porém, na atualidade, conforme apontado anteriormente pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, o sujeito criança é compreendido até os doze incompletos, após é considerado adolescente. Por isso, compreendo como criança para fins desta pesquisa o sujeito com até doze anos de idade. Será feito um recorte em relação à faixa etária das crianças a serem entrevistadas compreendendo àquelas entre nove a dez anos de idade, uma vez que o tema da pesquisa a ser realizada na dissertação de mestrado da pesquisadora tratará dos influenciadores digitais mirins e, para isso, será necessário que os entrevistados possuam uma maior autonomia em relação a utilização das redes

---

<sup>2</sup> De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90 | Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, no Artigo 2º considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

sociais e geração de conteúdo e, também pelo fato de que nesse recorte de faixa etária, as crianças já estão nos estágios cognitivos de maior maturidade e capazes de articular os pensamentos.

Conforme a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo proposto por Jean Piaget, no estágio pré-operacional o pensamento é mais concreto e egocêntrico, de forma que os significados das palavras são mais amplos e restritos conforme a linguagem. Nessa faixa etária, a criança já é capaz de responder às perguntas, todavia utiliza uma forma mais simples e direta. Já no estágio de operações concretas, as crianças conseguem dar mais informações a respeito de suas experiências do que aquelas que estão no estágio anterior, o pré-operacional. Essas crianças possuem dificuldades em definir conceitos abstratos, porém é esperado que consigam entender e pensar de maneira mais geral. Já os adolescentes, que estão inclusos no estágio de operações formais, são capazes de definir conceitos abstratos, pensar sobre questões lógicas e filosóficas, além de conseguir chegar a conclusões lógicas a partir de sua observação.

Ao ser levada em consideração a realização de uma entrevista com crianças, sendo essa uma das escolhas metodológicas dentre outras, entende-se que a idade adequada para que uma criança possa participar irá variar de acordo com o objetivo da pesquisa, porém há consenso de que as de quatro anos de idade já são capazes de falar sobre suas experiências de vida, uma vez que já possuem habilidades cognitivas, mentais e conceituais, mesmo podendo associar alguns acontecimentos a outras memórias. É de extrema importância que o pesquisador não confunda a idade cronológica com os estágios de desenvolvimento normal, pois a idade de desenvolvimento de uma criança pode não coincidir com o que pode ser esperado de acordo com a sua idade cronológica. Portanto, torna-se necessário integrar o conhecimento do desenvolvimento da criança com o conhecimento do sentido do tempo da criança a ser entrevistada, além de seu temperamento e habilidades de linguagem.

### **Caminhos possíveis: tirando do papel o planejamento**

Para a realização de uma pesquisa com crianças, é exigido do pesquisador uma superação do paradigma positivista, já que este ainda influencia a construção de conhecimentos nos dias atuais. De acordo com Honorato et al. (2006, p. 4, grifo do autor): “passamos de uma produção eminentemente sobre crianças, a produzir com as

crianças, rompendo, assim, com a perspectiva etimológica do termo *in fans*, entendidas como aquelas que não falam”.

Ao considerar o caráter único da experiência de uma criança, a pesquisa qualitativa é uma das possibilidades encontradas, de modo que possa garantir a riqueza e complexidade da experiência (VASQUES; BOUSSO; MENDES, 2011). Isto é, através de uma abordagem qualitativa, é possível investigar os eventos ocorridos pela percepção das crianças e o significado que elas próprias concedem às experiências vividas.

Esta perspectiva está em concordância com a visão de Goldenberg (2007, p. 19), ao afirmar que a pesquisa qualitativa “visa a compreensão interpretativa das experiências dos indivíduos dentro do contexto em que foram vivenciadas”. Essa abordagem oportuniza uma ação reflexiva do investigador, a partir de uma resignificação dos dados e de uma busca teórica incessante para dar novos sentidos aos dados coletados durante o processo do estudo. Na mesma linha, Gómez (2000) refere-se à perspectiva qualitativa como uma busca pela compreensão dos objetos de estudo como uma ação ou como uma atividade que é do próprio pesquisador, na qual este tenta fazer sentido a partir de elementos que está explorando. Ou seja, o pesquisador busca entender o que está investigando, para chegar a uma interpretação. Entretanto, o pesquisador deve se ater a alguns cuidados específicos para chegar a interpretações dos dados coletados, principalmente levando-se em consideração a criança como sujeito. Sarmiento e Pinto (1997) esclarecem melhor esta questão:

O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças. Assim, além dos recursos técnicos, o pesquisador precisa ter uma postura de constante flexibilidade investigativa. [...] a não projetar o seu olhar sobre as crianças colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente (SARMENTO & PINTO, 1997. p. 78).

Conforme Gómez (2000), na pesquisa qualitativa, para a produção de conhecimentos, especificamente com crianças, uma das opções é adotar uma abordagem etnográfica, uma vez que esta considera o “estar no campo” como um contínuo diálogo entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, além de que, considera a pesquisa como

um processo de buscar apreender significados produzidos e veiculados por grupos e sujeitos. A opção por utilizar uma abordagem etnográfica no trabalho de pesquisa, portanto, constitui-se num desafio, porém auxilia na questão de legitimidade, uma vez que, segundo Goldenberg (2007, p. 25) “as pesquisas etnográficas contribuíram para dar legitimidade às técnicas e métodos qualitativos na pesquisa sociológica”.

Destaca-se, ainda, que compreender aspectos relacionados ao universo infantil não é tarefa fácil, uma vez que, “estamos interessados em compreender como nossos sujeitos dão sentido para suas vidas, como interpretam suas experiências ou estruturam o mundo social no qual vivem” (BOGDAN; BIKLEN, 1994), o que requisita, por sua vez, uma diversificação dos instrumentos de pesquisa para construção dos dados. Nessa perspectiva, concordamos com Delgado e Müller (2005) quando afirmam que:

Em etnografia realizamos um trabalho de construção e tessitura, que se relaciona com nossas experiências sociais e culturais em confronto com as experiências das crianças, estranhas e próximas, íntimas e distantes de nós adultos. [...] Este jogo tenso de estabelecer relações entre o que é estranho e, ao mesmo tempo, tão próximo e íntimo, é o que consideramos um desafio na produção nos estudos com crianças (DELGADO E MULLER, 2005. p. 9).

Portanto, segundo Braga (2006), a aplicação de uma pesquisa com abordagem etnográfica é utilizada quando se busca explorar a teia de sentidos, que é resultante da reflexividade solicitada para o rigor do relato, de caráter sempre incompleto.

Porém, realizar uma investigação com crianças é uma tarefa desafiadora, uma vez que há dificuldades para nos comunicarmos com elas. Por isso, torna-se extremamente relevante desenvolver um diálogo no qual se possa compreender as experiências e significações desejadas pelo pesquisador para descrever as percepções dos sujeitos participantes da pesquisa, isto é, as crianças. É imprescindível pensarmos nos instrumentos mais adequados e necessários para a construção de conhecimentos sobre o modo de pensar, sentir, agir e falar das crianças, instrumentos estes que possibilitam a presença das múltiplas experiências e vozes delas. Para Delgado e Müller (2006, p. 11-12), “a investigação com crianças, pelos inúmeros desafios que nos coloca, deve ser um processo criativo, pois, os pesquisadores das infâncias partilham que estudar crianças é algo problemático, principalmente ao considerarmos as distâncias entre adultos e crianças”. De acordo com essa perspectiva, torna-se fundamental

entendê-las como sujeitos ativos que constroem suas próprias culturas e influenciam a produção do mundo adulto.

Conforme Gómez (2000), na pesquisa qualitativa, um dos grandes desafios é a criatividade metodológica. Visto isso, para a produção de conhecimentos, especificamente com crianças, acreditamos que uma das melhores opções é utilizar em combinação mais de uma ferramenta metodológica. Neste sentido, a diversificação e combinação de instrumentos e técnicas é de extrema importância, pois ajudam a elucidar hipóteses, questões ou problemáticas de pesquisa. Essas ferramentas metodológicas são: a observação participante, a entrevista, registros audiovisuais, atividades lúdicas, entre outras.

### **Observação participante e entrevista**

Para Jensen (1993), a observação participante é um método primário de estudos empíricos qualitativos. Segundo o autor, neste método o pesquisador participa do cotidiano das pessoas que estão sendo pesquisadas, seja abertamente no papel do pesquisador ou disfarçado. Desta forma, ele observa as coisas que ocorrem e ouve o que é dito, durante um certo período de tempo. Nesse sentido, o principal objetivo da pesquisa de observação participante é a descrição de diferentes fatos, situações e ações que ocorrem no cenário social. Portanto, a observação participante combinada à pesquisa, pode ser grande aliada para colher informações valiosas, pois visa conhecer as crianças a partir delas mesmas, ou seja, efetuar um exercício de observação, percepção, penetração, participação e interação no aqui e agora delas, através de seus gestos, ações e outras formas de expressão.

A observação participante é um recurso de suma importância no estudo qualitativo, porém, é necessária a diversificação dos instrumentos para que vozes de crianças sejam amplamente ouvidas. Para Cohn (2005) outros recursos podem ser complementados na observação participante, tais como a coleta de desenhos, histórias elaboradas pelas crianças e registros audiovisuais, uma vez que estas opções, assim como diversas outras, adentram na criatividade, aos interesses e recursos do pesquisados, além das necessidades específicas da pesquisa com crianças.

Para Cáceres (1997), a entrevista é como um instrumento estratégico para uma prática enriquecida da etnografia, pois a entrevista antes de tudo é uma situação, forma



parte do repertório possível de situações em que um ator social pode ser envolvido. Em relação ao tipo de entrevista a ser realizada, segundo Rosa e Arnoldi (2008), para sua classificação, deve-se usar como referência o objetivo da entrevista. Só assim poderá ser direcionada a seleção das questões a serem realizadas, podendo ser: estruturada, semiestruturada ou livre. Uma vez, que o objetivo da pesquisa de mestrado é compreender a percepção de crianças de nove a dez anos, será realizada uma entrevista semiestruturada com o objetivo do discurso ficar por conta do entrevistado, trazendo maior espontaneidade para a criança, de forma que ela seja capaz de expressar seu modo de pensar.

Em toda entrevista, a interação comunicativa está determinada socialmente pelos aspectos psicológicos subjacentes a partir da norma contratual preestabelecida e negociada na conversação (SIERRA, 1998). Portanto, como visto anteriormente, é possível, de acordo com a cognição de crianças a partir de quatro anos de idade promover esta interação comunicativa entre pesquisador e entrevistado, mas por se tratar de um ser humano em fase de formação, podem haver certas limitações na fala e expressão, o que leva ao pesquisador a utilizar em conjunto outros métodos e técnicas para extrair o maior número e diversidade de informações e dados pretendidos. Então, a partir dessa reflexão, enquanto pesquisadora, para fins da pesquisa da dissertação de mestrado que abordará os influenciadores digitais mirins, é pretendido se apropriar destas técnicas, porém realizar um recorte na faixa etária, de forma que compreenda crianças de nove a dez anos de idade, afim de coletar dados com maior riqueza de detalhes e descrição dos sujeitos entrevistados.

### **Considerações finais**

O presente artigo não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas anseia estimular o debate e a reflexão a respeito de questões relevantes para a inclusão das crianças em pesquisas qualitativas. De fato, as investigações qualitativas, que envolvem o estudo com crianças, apresentam complexidades e a combinação entre técnicas e instrumentos de pesquisa vem a se tornarem grandes aliadas para ampliar o potencial interpretativo e analítico da pesquisa.

Além das questões epistemológicas e metodológicas, apresentadas no processo de investigação com crianças, ainda existem aspectos deontológicos e éticos

importantes a serem levados em consideração pelos pesquisadores. Em uma investigação, é necessário considerar a alteridade e a diversidade que definem a infância enquanto grupo social, com especificidades que as distinguem de outros grupos. É fundamental compreender aspectos tais como idade, experiência, gênero, contexto socioeconômico na qual dá origem às múltiplas formas de ser, estar, sentir e agir das crianças, isto é, exige-se cuidados éticos singulares. Dessa forma, nas pesquisas com crianças, é de extrema importância haver um cuidado ético nos processos de aproximação e abordagem destas, e mostra-se urgente a discussão sobre a postura do pesquisador, em virtude das responsabilidades e desafios que se apresentam, seja no processo de autoria, autorização, anonimato ou na devolução dos achados da pesquisa.

No geral, parte-se do princípio de que a criança não possui o poder de decidir de forma autônoma sobre sua participação em uma determinada pesquisa, uma vez que lhe faltam os componentes essenciais da competência, isto é, racionalidade, compreensão e voluntariedade. Por isso, usualmente é solicitado o consentimento dos pais ou responsáveis legais, pois se acredita que estes tenham condições de analisar o que é benéfico para a criança que está sob sua responsabilidade. Entretanto, ao considerar a criança uma pessoa e, perante isso, um ser de direitos, é entendido que ela também deva ser consultada antes de ser requisitada numa pesquisa e que é fundamental que haja concordância e livre arbítrio na sua participação em uma entrevista se fins científicos. Sendo assim, o consentimento da criança para participar de pesquisas científicas é tido apenas como a expressão de sua vontade e individual, de forma informal, configurando uma condição de respeito que deve ser garantida, além do consentimento esclarecido e formal de seus pais ou responsáveis. Com estes cuidados éticos, busca-se dar voz às crianças, para que as mesmas possam participar com segurança, garantindo não apenas dados confiáveis capazes de refletir em profundidade a experiência delas, mas principalmente, sua proteção e seus direitos durante e mesmo após a pesquisa.

Por fim, a resposta da questão que nos orienta nesta pesquisa: de que forma a utilização de metodologias, técnicas e ferramentas lúdicas, possibilitarão ao investigador conhecer o mundo de significados construídos pelas crianças? É a de que nenhum instrumento utilizado isoladamente daria conta de produzir respostas para problemas de pesquisa, no desenvolvimento da investigação através de uma reflexão acerca das crianças, como sujeitos históricos sociais, ativos e parceiros na construção de conhecimento de suas culturas e do seu cotidiano. Também considera-se que a

investigação qualitativa, requer do pesquisador uma habilidade na articulação teórica e empírica em torno de seu objeto e da problemática de pesquisa, o que exige um trabalho colaborativo com outras áreas e a construção de ferramentas teórico-metodológicas, para torna-las auxiliares na captação de indícios e dados, na descrição de práticas dos ditos e não-ditos do cotidiano infantil, visando a elaboração de hipóteses e reflexões que levantem dúvidas ou reafirmem convicções e que, acima de tudo, promova o resgate das vozes e ações das crianças.

### Referências

- BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. In: **UNIrevista**, vol. 1, n° 3, julho 2006.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 09. set. 2019
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Sabor a ti**: metodología cualitativa en investigación social. Xalapa. Universidad de Veracruz, 1997.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. **Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt0781int.rtf>>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- EPSTEIN, I., *et al.* Using puppetry to elicit children's talk for research. **Nursing Inquiry**. v.15. 1.ed., 2008. p.49-56.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro, 2007. p. 16-31.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Facultad de Periodismo y Comunicación Social. Universidad Nacional de La Plata. Instituto mexicano para El Desarrollo Comunitario, A.C. Guadalajara. Jalisco, México, 2000.
- HONORATO, Aurélia. *et al.* **A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com**

**crianças.** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2172-int.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2019.

JENSEN, K. B. e JANKOWSKI, N. W. (eds). **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas.** Barcelona. Bosch Casa Editorial, 1993. p.57-91.

MARTINS FILHO, A., BARBOSA, M. Metodologias de pesquisas com crianças. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul. v.18, n.2, 2010. p.8-28.

PIAGET, J. **The child and reality.** New York: Grossman, 1973.

QVORTRUP, Jeans. **A infância na Europa: novo campo de pesquisa social.** Centro de documentação e informação sobre a criança. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Tradução de Helena Antunes, 1999.

SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel. As crianças e a Infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (Orgs.). **As Crianças: Contextos e Identidades.** Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SIERRA, Francisco. **Función y sentido de la entrevista cualitativa en investigación social.** IN CÁCERES, Jesús Galindo (Coord.). Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación. México. CNCA/ Addison Wesley Longman, 1998.

VASQUES. R., BOUSSO, R., MENDES-CASTILLO, A. A experiência de sofrimento: histórias narradas pela criança hospitalizada. In: **Revista da Escola de Enfermagem da USP.** v.45. 1.ed., 2011. p. 122-9.